

# ANÁLISE DO DISCURSO: FERRAMENTE ESSENCIAL NA FORMAÇÃO DE LEITORES CRÍTICOS

Marcos de Souza Tomé  
(UFPB/PROLING)  
[marcostomeufpb@hotmail.com](mailto:marcostomeufpb@hotmail.com)  
Regina Baracuhy  
(UFPB/PROLING)  
[mrbaaracuhy@hotmail.com](mailto:mrbaaracuhy@hotmail.com)

## 1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A leitura é, desde muito tempo, um dos objetos mais estudados e analisados dentro da Linguística. Atualmente, muitos são os estudiosos que se têm debruçado sobre este assunto, na tentativa de desvendar o que há de “misterioso” neste universo, a exemplo de Marisa Lajolo, Ângela Kleiman, Eni Orlandi, Sírio Possenti, Ingedore Villaça Koch, Antônio Marcuschi e tantos outros. Uma vez que envolve alguns dos aspectos essenciais para sua compreensão (cognitivo, interativo, discursivo etc.), dentro do campo linguístico, este objeto de estudo tem sido abordado sob alguns ângulos, levando em consideração os seguintes elementos: o próprio texto, o leitor e o autor. Como veremos no andamento deste trabalho, a Análise do Discurso (AD), mais especificamente a de linha francesa, vista também como um dos instrumentos mais atuais no campo do saber linguístico, tem dado uma imensa contribuição ao campo da leitura. Isto no que se refere à compreensão e interpretação das diversos gêneros textuais.

Através da AD, a leitura se coloca para nós não apenas como um amontoado de frases, organizadas em parágrafos. A AD tenta mostrar que deve haver interação entre o texto, o leitor, e os contextos de produção e recepção de texto. Indo além do que é colocado pela Linguística Funcional, em si tratando da linguagem escrita e falada.. Uma vez que as imagens também são “textos”, estas precisam de uma leitura mais apurada, mais crítica, pois as letras não se fazem presentes, mas o propósito de quem escolheu a imagem, a fotografia, os desenhos são definidores do sentido. Através das lentes deste campo teórico, percebe-se que é de grande importância também os elementos que, de forma indireta, acabam sendo tão importantes (ou mais) quanto os elementos mencionados pela Linguística e que estão presentes na estrutura textual, como muito bem enfatiza Possenti (2007, p. 360) ao tratar da leitura dentro dos moldes da AD:

[...] a AD rompe com a concepção de sentido como projeto de autor; com a de um sentido originário a ser descoberto; com a concepção de língua como expressão das ideias de um autor sobre as coisas; com a concepção

de texto transparente, sem intertexto, sem subtexto; com a noção de contexto cultural dado como se fosse uniforme.

Desta maneira, como nos faz enxergar a AD, o texto se coloca para nós como algo inacabado, não definitivamente pronto, ou como algo que, à priori, possua seus limites de leitura e interpretação, como se tudo estivesse apenas à espera de uma descoberta. Assim, a Análise do Discurso, através de seus pressupostos teóricos, passa a ser um suporte extremamente relevante para a realização de uma aprendizagem efetiva da leitura.

## **2. ANÁLISE DO DISCURSO FRANCESA E SUAS ORIGENS**

A AD é descrita (de acordo com Malidier - 1994) como sendo fundada por Jean Dubois (linguista, lexicólogo, envolvido com o andamento da Linguística da época) e Michel Pêcheux (filósofo envolvido nos debates sobre o marxismo, a psicanálise e a epistemologia). Ambos possuem em comum o interesse pela política, pelo marxismo e pela Linguística. Mas qual a relação entre marxismo e Linguística e qual a importância desta relação para a formação da AD como um novo projeto no campo da Linguística enquanto ciência?

Como este trabalho abordará a Análise do Discurso da escola francesa, é necessário lembrar que a França da década de 60 vive um período revolucionário e histórico. E é exatamente tendo este cenário como pano de fundo que a AD se desenvolverá. Esta relação traçada entre política e Linguística tem como suporte teórico tanto o Estruturalismo Linguístico, quanto a Teoria Marxista.

Diante disto, levando em consideração o aspecto histórico, o filósofo Althusser através de seus questionamentos, busca investigar o que poderia determinar as condições de produção social, uma vez que ele parte do pressuposto de que o ideológico tem existência material e deveria ser estudado não como ideias (algo abstrato), porém como um conjunto de práticas materiais que reproduzem as relações de produção. Estas levam em consideração a divisão de trabalho entre os donos do capital e os que vendem a mão-de-obra. Tal é a base da economia na sociedade capitalista. Como nos explica Mussalim (2011, p. 104):

Na metáfora marxista do edifício social, a base econômica é chamada de infraestrutura, e as instâncias político- jurídicas e ideológicas são denominadas superestrutura. Valendo-se dessa metáfora, Althusser levanta a necessidade de se considerar que a infraestrutura determina a superestrutura (materialismo histórico),

ou seja, que a base econômica é que determina o funcionamento das instâncias político-jurídicas e ideológicas de uma sociedade.

Para entendermos o que hoje conhecemos como Análise do Discurso (AD) é de suma importância a compreensão do percurso traçado por ela, desde sua gênese, até chegar ao que hoje se constitui como um campo do saber dentro da Linguística. Devemos buscar sua origem, sua formação, bem como suas especificidades.

Atualmente, são várias as correntes dentro da linguística que têm se debruçado sobre a língua, para analisá-la sob a ótica do discurso. E uma dessas correntes passou a ser conhecida com “análise do discurso da linha francesa”, ou simplesmente AD, como será tratada neste trabalho. Seu início teve como ponto de partida uma reação à visão estruturalista.

A teoria estruturalista reconhece uma autonomia relativa da linguagem e enxerga na língua a única parte onde se manifestam as regularidades, uma vez que estas são sistematizadas e descartam todas as manifestações externas a esta mesma língua. Em outras palavras, o que se coloca como importante é, segundo os estruturalistas, a relação existente entre as partes internas desta língua, um sistema fechado sobre si mesmo. Daí a não relevância dada a tudo o que se coloca externamente a ela.

Um dos maiores representantes do estruturalismo linguístico, Ferdinand Saussure (2006), defende a língua como único objeto da Linguística. Para ele, este era o objeto que deveria ser tratado como linguístico (em oposição à fala), pois é um objeto sistemático. E em uma dessas sistematizações linguísticas estariam presentes oposições ou contrastes das formas, bem como outras dicotomias apontadas pelo mesmo Saussure.

De acordo com a visão do linguista, a fala, como um possível elemento de análise para a linguística (enquanto objeto da ciência) é deixada de fora. Isto porque escapa ao exigido pela sistematização (uma das exigências do estatuto científico), uma vez que possui uma incessante variação, como também inconsistências de falante para falante. E estas mudanças constantes acontecem levando até mesmo em consideração a manifestação desta mesma língua por um único falante. É justamente o fato das irregularidades que, segundo o linguista genebrino, faz com que a fala não se preste à investigação científica, conseqüentemente como objeto de estudo da Linguística. Desta forma, só através do estudo desta língua (e não da fala) é que a linguística deveria receber estatuto de ciência.

Observando as ideias apontadas por Saussure, o filósofo Michel Pêcheux (reconhecido por muitos como o pai da AD) se contrapõe ao fato de tais ideias serem tão limitadas e não levarem em consideração alguns aspectos que para ele (Pêcheux)

também seriam relevantes. Ele não descarta totalmente o que é colocado por Saussure, mas enxerga certa limitação. Ainda segundo Pêcheux, o fato de que a fala (concomitantemente o sujeito), bem como os acontecimentos nos quais este sujeito está inserido, sendo deixada fora do campo linguístico, faria com que esta ciência tivesse seu campo muitíssimo restrito. Para Pêcheux, este corte saussureano reduziria os estudos da linguagem ao campo linguístico, preocupando-se de forma limitada, restringindo-se apenas aos aspectos gramaticais (Fonologia, Morfologia, Sintaxe, Semântica).

Esta questão é esclarecida por Possenti (2007):

Pode-se dizer que a AD é uma teoria da leitura, ou melhor, que ela formula uma teoria a leitura que se institui rompendo fundamentalmente com a análise de conteúdo, por um lado, e com a filologia (e também com a hermenêutica), por outro. Seu rompimento com a linguística tem essa conotação: é na medida em que a linguística reivindica uma semântica como um de seus componentes que se pode dizer que a AD rompe com ela.

A filologia é um elemento preponderante nesta ruptura, pois até meados do século XX, antes da linguística traçada por Saussure, ela estudava os textos, bem como as questões relativas a sua compreensão, sob os moldes óbvios de que todo o conteúdo a ser abordado no texto (respostas às perguntas para sua compreensão e interpretação) estaria dentro do próprio texto e não em outro local.

De acordo com o filósofo, até mesmo o estudo da Semântica “lugar de contradição da Linguística”, não poderia se voltar aos significados apenas da língua, pois o estudo do sentido que escapasse às abordagens de uma Linguística restrita à língua seria mais completo. Neste caso, o ideal seria uma Linguística não unicamente ‘da língua pela língua’, como nos esclarece Mussalim (2011, p. 105):

Para Pêcheux, ao contrário, a significação não é sistematicamente apreendida por ser da ordem da fala e, portanto, do sujeito, e não da ordem da língua, pelo fato de sofrer alterações de acordo com as posições ocupadas pelos sujeitos que enunciam. O autor retoma esta dicotomia saussureana para inscrever os processos de significação num outro terreno, mas não concebe o sujeito, nem os sentidos como individuais, mas como históricos ideológicos. Assim é que o autor propõe uma semântica do discurso – concebido como lugar para onde convergem componentes linguísticos e socioideológicos – em vez de uma semântica linguística, pois condições sócio-históricas de produção de um discurso são constitutivas de suas significações.

Em outras palavras, levando em consideração as diversas formas de manifestação da língua, o sentido já estaria evidente. Em contrapartida, apegando-se ao aspecto não empirista da língua, Pêcheux prega a ideia de ‘opacidade de sentido’ onde,

contrariamente à ideia de Saussure, para ele não existe ‘o sentido’, mas ‘os sentidos’, uma vez que ele não se entrega de imediato, não é tão óbvio assim.

A visão de língua para Pêcheux é uma visão de heterogeneidade, ou seja, com a AD a palavra ‘discurso’ entra em cena, pois a partir de então não apenas o texto, o autor, ou a mensagem são levados em consideração, mas as condições históricas, sociais, psicológicas de todos os elementos envolvidos nesta ‘rede’. Para ele, os sentidos sempre podem derivar e, sendo assim, possuem ambiguidade, não se limitando apenas a uma possibilidade, mas às diversas.

### **3. A AD E SUAS ‘TRÊS ÉPOCAS’: Mudanças de foco**

A Análise do Discurso passou por diversas fases mais precisamente “Três Épocas”, como colocada pelo próprio Pêcheux (1983), no decorrer das quais, foi construindo (e desconstruindo) sua teoria, em busca de um método de análise. Método este que objetivava descrever as condições de produção dos processos discursivos. De maneira bem sucinta, estas fases abordaram:

- No primeiro momento (1ª. Época - 1969), Pêcheux preocupava-se em mostrar a articulação entre o campo da língua (usando a teoria sintática da Linguística) e o campo social (através do materialismo histórico). Outro foco marcante dentro deste primeiro momento é o sujeito, que é visto diferentemente da concepção estruturalista. Segundo esta concepção, o sujeito é empírico, individual, intencionalmente estrategista, dono de seu próprio dizer, livre para produzir qualquer discurso. Ao contrário, inspirado por Althusser, Pêcheux vai pregar um sujeito assujeitado, preso a uma ideologia, pronunciador apenas de discursos já induzidos por uma classe social na qual ele (o sujeito) está inserido. Nesta fase, o conceito de discurso vai além do que até então tem sido propagado por Saussure (a fala de um sujeito empírico), como colocado por Jakobson em sua teoria da comunicação (discurso aqui é mensagem), nem pode ser tido também como texto ou enunciado, mas como processo de produção de sentido, pois não se apresenta pronto, definido, limitado por uma estrutura linguística. É, antes de tudo, um produto de articulação entre o linguístico e o tecido sócio histórico. Pensa-se aqui num sistema de teoria fechado onde o conteúdo de “formação

discursiva” é introduzido, designando uma maquinaria estrutural formada por enunciados, caracterizando-se pela homogeneidade, em um jogo parafrástico.

- No segundo momento (2ª. Época – final de 1974), temos como base a reformulação do conceito de ‘formação discursiva’ (FD), uma vez que não se trata de um espaço fechado, delimitado como foi colocado no momento anterior. Isto porque uma Formação Discursiva pode ser ‘invadida’ por outros elementos externos a ela (outras formações discursivas). Surge neste momento também a noção de ‘interdiscursividade’, ou seja, a relação existente entre elementos intradiscursivos (da ordem da língua) e elementos interdiscursivos (da ordem da história). De outra forma, entender o processo discursivo como tendo elementos internos e externos a ele. Ainda nesta fase, apoiado nas ideias de Althusser, Pêcheux afirma ainda que a formação discursiva acaba por determinar “o que pode e deve ser dito (...) a partir de uma posição dada numa conjuntura, isto é, numa certa relação de lugares no interior de um aparelho ideológico, e inscrita numa relação de classes”.
- No terceiro momento (3ª. Época - 1980), a ideia de Formação Discursiva passa a ser ampliada e não é rejeitado o caráter ideológico que determina ainda o processo discursivo. Pêcheux sofrerá influência de novos teóricos como Michel Foucault, via Jean-Jaques Courtine, Pierre Nora, Jaques Le Goff, Michel de Certeau. Desta vez, a heterogeneidade será uma característica marcante a ser observada no discurso. Esta noção de heterogeneidade discursiva vem suplantar o que antes era pensado dentro das categorias marxistas de contradição e assujeitamento. Desaparecem também as expressões ‘aparelho ideológico’ e ‘lutas de classes’. Através da ideia de heterogeneidade do discurso, percebe-se a ausência da transparência como parte constitutivamente óbvia na linguagem. Ao contrário, a linguagem é marcada por uma opacidade. Esta força vários sentidos, expressando esquemas, ideias, valores e crenças semanticamente opostos. A palavra, assim como o discurso, deixa de ser vista como tendo apenas um sentido, um significado restrito. Pelo contrário, está impregnada de ‘significados’ (por isso polissêmica, plurissignificativa, ambígua). E, para que a desambiguação seja trabalhada, há que se levar em conta as condições de produção, a formação discursiva em que o discurso se inscreve, bem como a formação ideológica a qual ela se filia.

#### **4. LEITURA, COMPREENSÃO E INTERPRETAÇÃO SEGUNDO A AD**

São muitas as dificuldades encontradas em sala de aula, no que se refere à leitura. E quando falamos em leitura, estamos nos referindo não apenas à decodificação de textos escritos, mas em uma perspectiva mais abrangente, colocamos aí a compreensão, interpretação e até mesmo a produção de textos. Este último vem a ser, conseqüentemente, o ideal a que se deve chegar todo leitor verdadeiramente crítico. Isto de acordo com o que nos pregam algumas leis que regem a educação brasileira. Como exemplo disso, podemos citar os Parâmetros Curriculares Nacionais (2001) que colocam para nós que leitor se espera formar em nossas escolas:

Formar um leitor competente supõe formar alguém que compreenda o que lê; que possa aprender a ler também o que não está escrito, identificando elementos implícitos; que estabeleça relações entre o texto que lê e outros textos já lidos; que saiba que vários sentidos podem ser atribuídos a um texto; que consiga justificar e validar a sua leitura a partir da localização de elementos discursivos.

Ainda quanto a esse processo do ensino da leitura, da mesma forma é colocada a seguinte observação nas Orientações Curriculares para o Ensino Médio (2008):

[...] o processo de ensino e aprendizagem deve levar o aluno à construção gradativa de saberes sobre o textos que circulam socialmente, recorrendo a diferentes universos semióticos, pode-se dizer que as ações realizadas na disciplina Língua Portuguesa, no contexto do Ensino Médio, podem propiciar ao aluno o refinamento de habilidades de leitura, escrita, de fala e de escuta. Isso implica tanto a ampliação contínua de saberes relativos à configuração, ao funcionamento e à circulação dos textos enquanto ao desenvolvimento da capacidade de reflexão sistemática sobre a língua e a linguagem.

A leitura interpretativa de textos (quer sejam escritos ou não, quer sejam curtos ou não), além de proporcionar novos conhecimentos, é um ato que transcende a visualização superficial e passa a se uma forma de desenvolvimento do espírito crítico e analítico do educando. Diante das múltiplas variedades de discurso e materialidades textuais presentes no dia a dia de nossos alunos, precisamos fazer com que eles se apossam de instrumentos que proporcionem uma compreensão que vá além do texto formal e que possibilite recuperar as condições sócio-históricas desse mesmo texto, como porta de acesso para o discurso.

Se a leitura e a interpretação forem trabalhadas de forma significativa com nossos alunos, certamente eles terão um desempenho melhor na sequência de sua vida

escolar, pois enquanto sujeitos (numa perspectiva da AD), ocupam lugares na formação social e por isso são capazes de compreender e também produzir seus textos, indo também além da materialidade linguística em direção à história. É como nos esclarece Ferreira (2003, p. 208):

A leitura é um processo de desvelamento e de construção de sentidos por um sujeito determinado, circunscrito a determinadas condições sócio-históricas. Portanto, por sua própria natureza e especificidade constitutiva, a leitura tende a ser múltipla, a ser plural, a ser ambígua. Mas não será nunca “qualquer uma”.

A leitura, compreensão e interpretação, dentro da perspectiva da AD, leva em consideração não apenas a língua (por isto falamos em ‘materialidade linguística’), como também o aspecto histórico, ideológico, social, econômico, político, psicológico etc. Isto faz com que o sujeito-leitor aproprie-se de ferramentas para uma verdadeira ‘escavação’ em busca dos sentidos. E para isto, faz-se necessário o conhecimento de alguns conceitos básicos e específicos da AD, como por exemplo:

1 – **Discurso**: tem seu conceito fundamentado em Foucault, que o vê como um conjunto de enunciados regulados numa mesma formação discursiva.

3 – **Formação Discursiva** (segundo Foucault): o que se pode dizer restritamente dentro de uma determinada época e espaço social a partir de condições de produção específicas, definidas historicamente.

3 – **Interdiscurso**: os diversos discursos, provenientes de vários momentos e lugares históricos, sociais entrelaçados uma formação discursiva.

4 – **Heterogeneidade**: as diversas maneiras pelas quais, no discurso, aparecem as vozes que constituem o sujeito: a constitutiva (presença implícita), a mostrada (presença explícita).

5 – **Sujeito**: formado por várias vozes sociais (polifonia), marcado por forte heterogeneidade e conflitos (desejos x social), manifestados pela (na) linguagem.

## **5. PONTO DAS ANÁLISES: O Discurso: “Terra à vista” e suas múltiplas leituras**

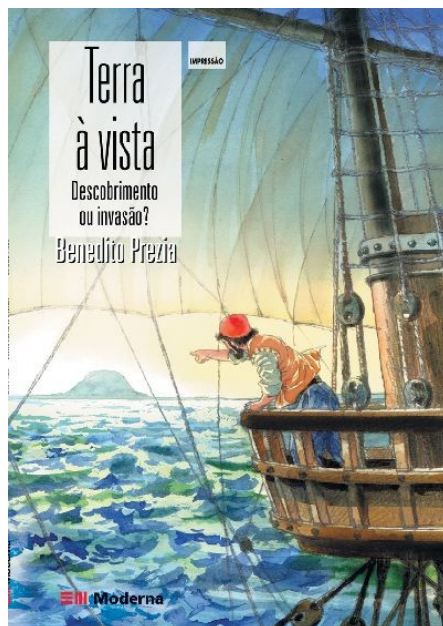
Nossa análise terá como ponto de referência, respectivamente, três imagens: Texto 01: Capa de um livro didático “Terra à vista – Descobrimento ou invasão?”, Texto 02: Charge do MST e o Texto 03: Charge de um movimento grevista. Estas imagens foram retiradas da internet como material de análise para a elaboração de um trabalho final para o encerramento da disciplina Fundamentos em Análise do Discurso (AD



Francesa), ministrada pela Professora Dra. Regina Baracuhy, no mestrado em Linguística pela UFPB/PROLING no primeiro semestre de 2012.

O 'gênero charge' foi escolhido, por se tratar de um texto que tem como princípios conteúdos satíricos (engraçados até) e por ser rico em imagem, levando em consideração que o necessário para a compreensão da linguagem, dentro de uma concepção discursiva, é reconhecer a ligação existente entre o homem e a realidade social e natural. Desta maneira, devemos nos ater também ao fato de que a construção do sentido (ou sentidos) faz parte da relação entre o político, o ideológico e o histórico.

Segundo o que consta nos registros históricos sobre o Descobrimento do Brasil, a partir da "visão da proa" (os portugueses que chegavam) esta foi uma das expressões pronunciadas no dia 22 de abril, ao verem de longe as terras que, futuramente receberiam o nome de Brasil. Neste dia, seria celebrado como o "primeiro dia" do Novo Mundo e o "último dia" de Pindorama, o paraíso perdido, a terra dos Tupi, Tupiniquim e outras grandes nações indígenas. A partir deste fato, mencionado e analisado por diversos historiadores, livros há também em que até se questiona sua identidade histórica enquanto 'descoberta' ou 'invasão', como é o caso do livro que tem como título a expressão em análise no **Texto 01**:



[Terra À Vista - Descobrimento ou Invasão - Col. Viramundo - 2ª Edição 2002 - Preziosi, Benedito](#)

Esta mesma expressão é utilizada na charge abaixo, que tem como tema o Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST). Este é um dos mais importantes movimentos sociais do Brasil, tendo como foco as questões do trabalhador do campo, principalmente no tocante à luta pela reforma agrária brasileira. No Brasil prevaleceu

historicamente uma desigualdade do acesso a terra, consequência direta de uma organização social patrimonialista e patriarcalista ao longo de séculos, predominando o grande latifúndio como sinônimo de poder. Desta forma, dada a concentração fundiária, as camadas menos favorecidas como escravos, antigos escravos ou homens livres de classes menos abastadas teriam maiores dificuldades à posse da terra. **Texto 02:**



Nos exemplos acima apresentados – exemplo 1 (capa do livro), exemplo 2 (charge do MST) - em se tratando de gramática (levando em consideração suas palavras e seus termos) a expressão ‘Terra à vista’ possui idêntica estrutura, porém em se tratando de discurso (mais precisamente sob a ótica da AD), este possui formações e sujeitos diferentes. Ou seja: ‘alguém’ viu ‘alguma coisa’. Uma compreensão comum aos dois exemplos é a ‘descoberta de algo’, de algo ‘novo’ e, por isso de forma surpreendente.

No próximo exemplo a ser analisado, podemos constatar uma certa relação com os discursos anteriormente aqui apresentados e analisados, relação esta que se dá através do ‘interdiscurso’. Traz no cerne de sua elaboração, o momento retratado historicamente e que se reporta ao Descobrimento do Brasil. Vejamos no **Texto 03:**



A frase “Greve à vista”, quanto à materialidade linguística, não é a mesma, uma vez que a palavra TERRA é substituída pela palavra GREVE. O forte deste discurso figura na imagem. O personagem está erguido e segurando um poste (o que nos remete ao mastro de um navio), a própria posição exercida por ele, ao tentar enxergar o que está ao longe (e se aproximando), a própria cor azul, que está em predominância, que nos remete à ideia de ‘oceano’, cercado por palavras de ordem: greve, aumento, salário justo, estamos em greve, trabalhadores em greve, reposição já, queremos reposição, aumento.

Pelos exemplos aqui analisados, tendo como objetivo a prática de uma leitura mais crítica, devemos nos ater ao fato de que para a Análise do Discurso, o sujeito do discurso é histórico, social e descentrado. Descentrado, pois é constituído pela ideologia e pelo inconsciente. Histórico, por que não está alienado do mundo que o cerca. Social, por que não é o indivíduo, mas àquele apreendido num espaço coletivo.

#### **4. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Foram abordadas neste artigo algumas questões básicas sobre a Análise do Discurso, mais especificamente a Análise do Discurso de origem francesa (AD), para um breve conhecimento dos seus conceitos. Mas tudo sem muito aprofundar, pois os conceitos de Análise do Discurso vão muito mais além do que essas simples palavras, sendo necessários mais estudos, mais pesquisas, devido à grande quantidade de autores que procuram explicar seus conceitos, onde cada um possui a sua versão, a sua explicação e a sua teoria.

Tudo o que foi exposto através destes exemplos, leva-nos a comprovar a grande contribuição que tem a nos oferecer a Análise do Discurso como instrumento de leitura, compreensão e interpretação de textos. Isto porque a AD não toma o sentido em si mesmo, ou seja, em sua imanência. Não se acredita na existência de uma essência da palavra - um significado primeiro, original, imaculado e fixo capaz de ser localizado no interior do significante. A AD não nos leva à leitura, mas às leituras. Ela nos faz enxergar não O SENTIDO, mas a procurar OS SENTIDOS. Desta forma, torna-se imprescindível sua utilização nas aulas de leitura, interpretação, compreensão e produção textual.

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARACUHY, Regina. **Relaxa e Goza**: enunciado, memória e poder nas lentes da mídia. IN: Anais do III SEMAD: Sujeito e Subjetividade. Uberlândia: EDUFU, 2008.

BRANDÃO, H. H. N. **Introdução à análise do discurso**. 2. ed. revista. Campinas: Ed. Unicamp, 2009.

FERNANDES, Claudemar Alves. **Análise do Discurso: reflexões introdutórias**. Goiânia: Trilhas Urbanas, 2005.

FERREIRA, Maria Cristina Leandro. **Nas trilhas do discurso**: a propósito da leitura, sentido e interpretação. In: ORLANDI, Eni Puccinelli (Org.), A leitura e os leitores. Campinas, SP: Pontes, 2003.

FIGARO, Roseli (Orgs.). **Comunicação e análise do discurso**. São Paulo: Contexto, 2012.

GREGOLIN, Maria do Rosário. Foucault e Pêcheux na análise do discurso – diálogos & duelos. São Carlos: Editora Claraluz, 2006.

KOCH, Vilaça e ELIAS, Vanda Maria. Ler e compreender os sentidos do texto. São Paulo: Contexto, 2006.

LAJOLO, Marisa. Do mundo da leitura para a leitura do mundo. São Paulo: Ed. Ática, 2001.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Orientações Curriculares para o Ensino Médio (Linguagens, Códigos e suas Tecnologias)**, vol 1, Secretaria de Educação Básica, Brasília, 2008.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Parâmetros Curriculares Nacionais (1ª. a 4ª. Série)**, vol 2, Brasília: A Secretaria, 2001.

MUSSALIM, Fernanda. **Análise do Discurso**. In: MUSSALIM, Fernanda & Bentes, Anna Christina (orgs). Introdução à linguística: domínios e fronteiras, vol 2., São Paulo: Cortez, 2011.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. Discurso e leitura, São Paulo, Cortez, 2008.

POSSENTI, Sírio. **Teoria do Discurso**: um caso de múltiplas escolhas. In: MUSSALIM, Fernanda & Bentes, Anna Christina (orgs). Introdução à linguística: fundamentos epistemológicos, vol 3., São Paulo: Cortez, 2007.

\_\_\_\_\_. Questões para Analistas do Discurso. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Linguística Geral**. São Paulo: Cultrix, 2006.

